

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Flávio da Rocha Monsores

**A INFLUÊNCIA SOCIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO DURANTE AS
OPERAÇÕES DE PACIFICAÇÃO NA MINUSTAH**

**Resende
2019**

Flávio da Rocha Monsores

**A INFLUÊNCIA SOCIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO NAS OPERAÇÕES
DE PACIFICAÇÃO DURANTE A MINUSTAH**

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em Ciências
Militares, da Academia Militar
das Agulhas Negras (AMAN,
RJ), como requisito parcial para
obtenção do título de **Bacharel
em Ciências Militares.**

Orientador: Cel Art Marco Antonio Costa Cavaliere Brandão

**Resende
2019**

Flávio da Rocha Monsores

**A INFLUÊNCIA SOCIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO NAS OPERAÇÕES
DE PACIFICAÇÃO DURANTE A MINUSTAH**

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em Ciências
Militares, da Academia Militar
das Agulhas Negras (AMAN,
RJ), como requisito parcial para
obtenção do título de **Bacharel
em Ciências Militares.**

Aprovado em ____ de _____ de 2019

Banca Examinadora:

Orientador

Nome completo, Posto de Graduação

Nome completo, Posto de Graduação

**Resende
2019**

Dedico este trabalho à minha família, que me forneceu a educação, a força e o apoio necessário para que eu pudesse superar os obstáculos; aos amigos, que caminharam ao meu lado neste pedregoso e árduo caminho; e a todos que participaram desta jornada, que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse realizar o sonho que se concretiza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ter me dado a oportunidade de ter ingressado na AMAN e as forças para que eu nunca esmorecesse perante as dificuldades e que, deste modo, pudesse estar concluindo meu maior sonho, me tornar oficial do Exército Brasileiro.

À minha família, principalmente meus pais, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. Vocês são os principais responsáveis por hoje eu me sentir o homem mais feliz e realizado do mundo. À minha orientadora, por todo o esforço e dedicação em auxiliar-me no desenvolvimento deste trabalho. Abrindo mão de horários de lazer e descanso em prol deste trabalho e de minha formação. Sem seu auxílio, nada disso seria possível.

RESUMO

A INFLUÊNCIA SOCIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO NAS OPERAÇÕES DE PACIFICAÇÃO DURANTE A MINUSTAH

AUTOR: Flávio da Rocha Monsores

ORIENTADOR: Cel Art Marco Antônio Costa Cavalieri Brandão

A segurança internacional e a paz mundial sempre foram os principais objetivos da Organização das Nações Unidas (ONU), que atua de forma cada vez mais ativa na pacificação de conflitos armados, na reestruturação de nações afetadas por estes conflitos e no estabelecimento de democracias eficazes e legítimas. A participação do Brasil nestes esforços é notável desde seu início, onde sempre foi um objetivo nacional contribuir com os objetivos supracitados – participação esta cada vez mais crescente, eficiente e reconhecida, de forma que em 2004 um general brasileiro é nomeado Force Commander da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, dando a ele comando efetivo sobre todo o contingente militar da missão. Durante os 13 anos de missão, o Brasil atuou de forma exemplar no cumprimento de diversos objetivos não apenas de pacificação e garantia da ordem, mas também no *peacebuilding*, ou seja, dispendendo recursos e esforços para restaurar as instituições governamentais e a estabilidade política, social e econômica do Haiti. Esta forma proativa, dedicada e responsável de tentar resolver o problema da crise haitiana gerou grandes evoluções em todas as esferas do país-sede, onde pôde-se ver um breve florescimento da economia, a melhoria na segurança e nas infraestruturas e também a realização de eleições democráticas de maneira mais legítima. Com o terremoto em 2010 e o furacão em 2016, o Haiti e a MINUSTAH sofrem um golpe trágico, e a missão muda para um foco mais humanitário. Ao final da missão, em 2017, a análise dos fatores revela um saldo positivo na missão, onde o Exército Brasileiro conseguiu de forma significativa cumprir sua missão além dos objetivos iniciais,

produzindo também escambos culturais que podem ter impactos benéficos e diplomáticos importantes no futuro de ambas as nações.

Palavras-chave: MINUSTAH. Haiti. Missões de pacificação sob a égide de organismos internacionais. Geopolítica. Manutenção da paz.

ABSTRACT

THE BRAZILIAN ARMY'S SOCIAL INFLUENCE DURING PEACEKEEPING OPERATIONS IN MINUSTAH

AUTHOR: Flávio da Rocha Monsores

ADVISOR: Cel Art Marco Antônio Costa Cavalieri Brandão

International security and world Peace were Always the main objectives of United Nations (UN), whose acts are increasingly active regarding the ending of armed conflicts, the restructuration of nations jeopardized by those conflicts and on the establishment of effective and legitimate democracies. Brazilian participation on these efforts is remarkable since its beginning, where it was always a national objective the contribution on the matters above mentioned – this participation ever growing, more efficient and renowned, in a way that in 2004 a brazilian general is designated as Force Commander on United Nations Stabilization Mission in Haiti, granting him effective command over all the mission's military contingent. During the 13 years of mission, Brazil proceeded exemplar in the accomplishment of several objectives, not only about peacekeeping and law enforcement, but in peacebuilding too, spending resources and efforts to restore government institutions and political, social and economical stability in Haiti. This proactive, dedicated and responsible way of trying to solve the haitian crisis generated great evolutions in all the host country's spheres, where it could be identified a brief flourishing of the haitian economy, the improvement of security and infrastructure and the performing of democratic and legitimate elections. With 2010's earthquake and 2016's hurricane, Haiti and MINUSTAH suffer a severe blow, and the mission's focus becomes more humanitarian. At the mission's end in 2017, the anasilis of factors reveal a positive score, where the Brazilian Army could accomplish significantly its mission beyond its prime objectives, producing cultural barthers that could have beneficial and diplomatic impacts that can prove to be important in both nations' future.

Keywords: MINUSTAH. Haiti. Peacekeeping missions under the áuspices of international organizations. Geopolitics. Peacekeeping.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Logotipo da Organização das Nações Unidas..... | 14 |
| Figura 2 – Ilha de Hispaniola..... | 19 |
| Figura 3 – Representação artística do Massacre do Haiti de 1804..... | 19 |
| Figura 4 – François Duvalier, o “ <i>Papa Doc</i> ”..... | 21 |
| Figura 5 – Soldado brasileiro patrulha o acampamento Jean Marie Vincent em Porto Príncipe, Haiti..... | 24 |
| Figura 6 – Quartel General da MINUSTAH, após o sismo de 2010..... | 27 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------|--|
| IDH | Índice de Desenvolvimento Humano |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| MINUSTAH | Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti |
| DDR | Desarmamento, Desmobilização e Reintegração |
| ONUC | Operação das Nações Unidas no Congo |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura |
| OTAN | Organização do Tratado do Atlântico Norte |
| MONUSCO | Missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo |
| OEA | Organização os Estados Americanos |
| UNEF 1 | 1ª Força de Emergência das Nações Unidas |
| MIF | Força Multinacional Interina |
| PNH | Polícia Nacional Haitiana |
| MINUJUSTH | Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti |
| BRAENGCOY | Companhia de Engenharia Brasileira |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | AMBIENTAÇÃO | 14 |
| 2.1 | A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS | 14 |
| 2.1.1 | A CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA NAS MISSÕES DE PAZ NA ONU | 16 |
| 2.2 | HAITI – O TEATRO DE OPERAÇÕES | 18 |
| 2.2.1 | HISTÓRIA | 18 |
| 3 | A MISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ESTABILIZAÇÃO DO HAITI E SEUS EFEITOS | 24 |
| 3.1 | A MISSÃO | 24 |
| 3.2 | O LEGADO BRASILEIRO | 28 |
| 4 | CONCLUSÃO | 32 |
| 5 | REFERÊNCIAS | 34 |

1 INTRODUÇÃO

A República do Haiti é um país localizado na porção ocidental da ilha de Hispaniola, no arquipélago das Grandes Antilhas, ilha esta que compartilha com a República Dominicana. É o terceiro maior país do Caribe, com 27.750km² e cerca de 10,4 milhões de habitantes, tendo o francês e o crioulo haitiano como línguas oficiais. É o país mais pobre da América Latina, com um coeficiente de Gini de 59,2% (Banco Mundial; 0% indicando total igualdade e 100% total desigualdade de renda), e um IDH de 0,493 (o 163º do mundo).

A política haitiana sempre foi marcada por violência e instabilidade regulares, e em fevereiro de 2004, forças rebeldes obtiveram sucesso em forçar a renúncia e o exílio do presidente Jean-Bertrand Aristide. Um governo provisório assume, e o Conselho de Segurança da ONU cria a resolução 1542 em 30 de abril de 2004, solicitando a criação de uma força internacional para restaurar e manter a ordem e a paz no país; assim foi criada a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti ou MINUSTAH (sigla derivada do francês *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation em Haïti*).

A MINUSTAH foi originalmente criada para apoiar o Governo de transição, para garantir um ambiente seguro e estável, para auxiliar na supervisão, reestruturação e reforma da Polícia Nacional do Haiti, para ajudar com o desarmamento global e sustentável, Desmobilização e Reintegração (DDR), para auxiliar a restauração e manutenção da regra de direito, segurança pública e da ordem pública no Haiti, para proteger o pessoal das Nações Unidas, das instalações e equipamentos e para proteger civis sob ameaça iminente de violência física; para apoiar os processos constitucionais e políticos, para ajudar na organização, acompanhamento e realização de eleições livres e municipais, parlamentares e presidenciais para apoiar o Governo Transitório do Haiti, assim como instituições de direitos humanos e grupos em seus esforços para promover e proteger os direitos humanos, e para monitorar e informar sobre situação dos direitos humanos no país. (AJONU, 2012)

Com um contingente de 6.700 militares, 1.622 policiais, 550 civis internacionais, 150 voluntários das Nações Unidas e cerca de 1.000 funcionários civis locais, a missão obtinha progressos significativos, tendo seu mandato, conceito de operações e da força autorizada ajustados pelo Conselho de Segurança em diversas resoluções para se adequar à evolução do

Teatro de Operações. No ano de 2010, a violência na política havia sido amplamente suprimida, a criminalidade reduzida, e a segurança parcialmente restaurada. A mídia já operava livremente e a economia crescia de maneira sustentável.

No entanto, o terremoto do dia 12 de janeiro de 2010 trouxe consequências catastróficas ao país, vitimando cerca de 220 mil pessoas, dentre elas 96 “capacetes azuis”, além de centenas de milhares de feridos e 1,5 milhões de desabrigados; a capital foi destruída e a economia já fragilizada sofreu um trágico golpe. Em outubro, uma epidemia de cólera – atribuída aos próprios soldados da ONU – matou outras 8.000 pessoas.

No ano de 2016, o Haiti é atingido novamente por outro desastre natural – o furacão Matthew, que prejudicou 1,3 milhão de haitianos, causando danos graves a um país que não havia se recuperado em plenitude do terremoto de 2010.

Nestes eventos, a MINUSTAH, apesar de sofrer com a perda de contingente, infraestrutura e recursos proveniente das catástrofes, manteve-se ativa e atuante, realizando esforços hercúleos para recuperar sua capacidade de agir e responder às necessidades da população.

Apesar dos efeitos positivos à ordem no país e capacidades do Estado, a sociedade haitiana demonstrou grande repúdio às intervenções internacionais. Camille Chalmers, professor universitário haitiano, alega que a missão foi composta de 13 anos de “sofrimento e violação dos direitos básicos do povo”, que a MINUSTAH teve “ingerência permanente” nas últimas eleições realizadas no país insular, “tratando de controlar os comícios, os resultados e influenciar na designação das autoridades”. Para o acadêmico, “o povo tem vivido com muita frustração, cólera e indignação”, sentimentos que se refletiram na “participação muito baixa” da cidadania nas eleições de novembro de 2016.

Outros problemas graves, como a suposta culpa da epidemia de cólera, supostamente causada por militares da ONU, denúncias confirmadas e não confirmadas de estupros e outros abusos, levam à necessidade de uma análise aprofundada quanto a participação das tropas brasileiras nestes problemas e em sua resolução. Como disse o embaixador do Brasil no Haiti, Fernando Vidal, em entrevista ao jornal Estadão: “Não tenho nenhuma informação sobre abuso sexual por tropas brasileiras. Ao contrário, só tenho informações sobre o comportamento exemplar dos soldados brasileiros da MINUSTAH”.

Torna-se necessária então uma análise completa dos antecedentes da missão e da história haitiana em si, de forma a constatar a real necessidade e os primeiros objetivos da MINUSTAH. É preciso levantar também o papel geral realizado pelo Brasil na missão, para

que se possa concluir de forma concreta a verdadeira natureza da participação das tropas brasileiras no contexto, e seu posterior legado ao país afetado.

Torna-se então o objeto em estudo neste trabalho a atuação do Exército Brasileiro nas diversas operações de pacificação da MINUSTAH, numa análise do comportamento, das atitudes, da capacidade técnica e profissional desses militares neste tipo específico de operação. Na atual configuração global, o Brasil tem tido participação crescente nas intervenções da ONU, inclusive ocupando cargos importantes de comando de missões e tropas estrangeiras; é de suma importância, portanto, fazer o balanço da influência da atuação da tropa nos diversos campos sociais dos países e regiões apoiados.

O tema aborda questões sociais, econômicas e políticas, envolvendo estudos históricos, relações internacionais e geopolítica, para que seja possível realizar a análise do país-sede no âmbito internacional, assim como os efeitos das intervenções internacionais e das ações da tropa brasileira no Teatro de Operações.

Realizar este estudo sobre a influência que a tropa brasileira possui sobre a sociedade do país-sede em missões de paz é de vital importância para a continuidade do emprego desta tropa em âmbito internacional e sob a égide de organizações internacionais, uma vez que estas influências podem gerar efeitos tanto positivos como negativos não só às esferas do país-sede, mas também à imagem brasileira na comunidade internacional e sua influência neste âmbito.

Neste pretexto, vários estudos já abordaram temas econômicos e políticos desta intervenção, mas são escassos trabalhos realizados sobre os aspectos sociológicos e psicossociais de intervenções para imposição e manutenção da paz, uma vez que é um tema contemporâneo e o objeto de estudo, a MINUSTAH, acabou por ter sua conclusão ainda recentemente.

Se torna necessário então avaliar o efeito que o Exército Brasileiro, por meio de seus militares empregados na missão, gerou na sociedade haitiana, com relação à sua infraestrutura, economia, política e segurança, de forma a retificar ou ratificar os métodos utilizados e a gerar oportunidades de aprendizagem e melhoria para futuros empregos da força.

2 AMBIENTAÇÃO

2.1 A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

A Organização das Nações Unidas (ONU), criada em junho de 1945, é uma organização intergovernamental idealizada com o intuito de desenvolver e estabelecer a cooperação entre as nações por todo o globo. Iniciou suas operações em 24 de outubro de 1945, após o término da Segunda Guerra Mundial.

Figura 1 – O logotipo da Organização das Nações Unidas



FONTE: Nações Unidas (2014)

Na altura de sua fundação, a ONU contava com 51 estados-membros; em 2016, esse número já havia crescido para 193 estados-membros. Possui escritórios em Nova York, Genebra, Nairóbi e Viena, e sua receita é obtida por meio de contribuições voluntárias dos próprios estados-membros.

Os principais objetivos da ONU são manter a segurança e a paz mundial, promover os direitos humanos, auxiliar no desenvolvimento econômico e no progresso social, proteger o meio ambiente e prover ajuda humanitária em caso de fome, desastres naturais e conflitos armados.

Sendo assim, esta organização atuou de forma relevante em diversos conflitos desde sua criação, dentre eles: a criação do estado de Israel e a resolução dos conflitos resultantes; a coalizão liderada pelos Estados Unidos da América para revogar a invasão da Coreia do Norte

à Coreia do Sul; o início das missões de manutenção da paz, no Egito, visando acabar com a crise de Suez; as missões no Congo e no Chipre, dentre outras crises. Os resultados e a eficácia das operações da ONU são variados, com missões obtendo sucesso e cumprindo seus objetivos (Operação das Nações Unidas no Congo – ONUC), enquanto outras não atingindo seus objetivos em plenitude.

Na década de 1960 ocorreu um grande influxo de estados-membros, em sua maioria nações recentemente independentes, e na década de 1970 viu-se o crescimento da influência de países do chamado “Terceiro Mundo”, como a atribuição de uma cadeira no Conselho de Segurança da ONU para a República Popular da China e a formação da aliança chamada de Grupo dos 77, liderada pela Argélia. Esta crescente presença em países menos desenvolvidos, juntamente com recentes insucessos em mediar conflitos no Oriente Médio e na Ásia, levou a organização a voltar seu foco principal para seus objetivos secundários, como auxílio ao desenvolvimento econômico e intercâmbios culturais. Nesta mesma década, o orçamento para estes fins superava em muito os recursos alocados à manutenção da paz.

Após o término da Guerra Fria, houve um aumento considerável em suas funções de manutenção da paz: entre os anos de 1988 e 2000, o número de resoluções do Conselho de Segurança adotadas aumentou de forma significativa, e o orçamento empenhado em operações de paz aumentou mais de dez vezes. Dentre as operações realizadas, estão a negociação do fim da Guerra Civil de El Salvador, uma missão de paz na Namíbia, eleições democráticas na África do Sul pós-apartheid e no Camboja pós-Khmer Vermelho.

Na década de 1990, as Nações Unidas passam por novos problemas, com crises simultâneas entre territórios como Somália, Moçambique e a então Iugoslávia, incorrendo em fracassos de repercussão internacional, como a operação na Bósnia, a missão na Ruanda e na Somália. A organização foi alvo de críticas severas de diversos importantes e influentes estados-membros, que envolviam principalmente acusações de corrupção e má gestão. Os Estados Unidos, em 1984, retiraram seu financiamento à UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), sendo seguidos pelo Reino Unido e Singapura. Isto resultou em uma reforma em seu Secretariado durante o mandato de Boutros Boutros-Ghali, secretário-geral durante os anos de 1992 a 1996. Esta reforma resultou em uma diminuição significativa no tamanho da organização. Seu sucessor, Kofi-Annan (1997-2006), continuou a política de reformas, enxugando e revisando os diversos sistemas da organização.

Durante as décadas de 1990 e 2000, as intervenções realizadas pelas Nações Unidas variaram em muito sua natureza. Missões como a da Guerra Civil de Serra Leoa, suplementada pela Royal Marines britânica, e a invasão do Afeganistão em 2001 com supervisão da OTAN,

mostravam a formação de novas coalizões com instituições de maior caráter bélico. Em 2003, a invasão estadunidense no Iraque sem autorização do Conselho de Segurança da ONU levantou novamente dúvidas quanto a eficiência da organização.

A ONU realizou novas intervenções em conflitos recentes, como os conflitos de Darfur e Kivu, na guerra civil do Sri Lanka e da Síria e as missões no Congo (MONUSCO) e no Haiti (MINUSTAH), dentre outras.

2.1.1 A CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA NAS MISSÕES DE PAZ NA ONU

A contribuição brasileira nas missões de paz da ONU teve início em 1947, com o envio de cinco brasileiros, militares e diplomatas, para atuar como observadores militares nos Bálcãs, que lá permaneceram até 1949. Nas décadas de 1950 e 1960, forças brasileiras integraram missões de paz sob a égide da ONU no Oriente Médio, e da Organização dos Estados Americanos (OEA) no Caribe. De 1957 até 1967, o Batalhão de Suez participou da 1ª Força de Emergência das Nações Unidas (UNEF 1), que tinha a missão de impedir conflitos entre egípcios e israelenses. Durante os dez anos de missão, foram empregados cerca de 6,300 brasileiros, incluindo o General Syzeno Sarmiento, que comandou a missão nos anos de 1965 e 1966. Após este período, o Brasil permaneceu ausente em missões de organismos internacionais, num período que coincide com o do regime militar.

A partir de 1990, o país volta a participar de operações sob a égide de organismos internacionais, e atua de forma muito significativa em diversas ações na Ásia, África e nas Américas. É importante destacar sua atuação em três países lusófonos: em 1994, uma companhia auxiliou a manutenção da paz em Moçambique; em setembro de 1995, o Exército brasileiro enviou um batalhão, uma companhia de engenharia e um grupamento de saúde (totalizando mais de mil militares) para a Angola; e o contingente internacional enviado ao Timor Leste, que contava com a participação de brasileiros, criado em 1999, após a eclosão de conflitos onde havia a presença de observadores policiais e eleitorais da ONU acompanhando o referendo sobre independência do país. Além do contingente, foi implantada a Administração Transitória para o Timor Leste, chefiada por Sérgio Vieira de Mello, brasileiro de grande prestígio internacional. Militares brasileiros também atuaram e têm atuado até os tempos recentes como observadores em conflitos na Europa, Ásia, África e América Central; estes militares possuíam papel importante na resolução pacífica do conflito fronteiriço entre o Peru e o Equador.

A partir dos anos 2000, começa a fase mais importante da história da participação do Brasil em missões sob égide de organismos internacionais. Em 2004, uma crise política no Haiti leva à criação da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, ou MINUSTAH (sigla derivada do francês *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation em Haïti*), sob comando do general brasileiro Augusto Heleno Ribeiro Pereira – marcando o início do protagonismo brasileiro no cenário internacional.

2.2 HAITI – O TEATRO DE OPERAÇÕES

A República do Haiti é um país situado na porção ocidental da ilha de Hispaniola, no arquipélago das Grandes Antilhas, que divide com a República Dominicana, situada na porção oriental da ilha. Sua capital, Porto Príncipe, localizada no sudoeste do país, é também sua maior e mais populosa área urbana, contando com cerca de três milhões de habitantes.

Com 27.746 quilômetros quadrados de extensão e cerca de 10,4 milhões de habitantes, o Haiti é o terceiro maior país do Caribe, superado apenas por Cuba e pela República Dominicana. Suas línguas oficiais são o francês e o crioulo haitiano. É o país mais pobre e subdesenvolvido da América Latina, com um coeficiente de Gini de 59,2% (Banco Mundial: 0% indicando total igualdade e 100% total desigualdade de renda) e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,493 (o 163º do mundo).

2.2.1 HISTÓRIA

A ilha de Hispaniola era ocupada por povos indígenas, até a chegada de Cristóvão Colombo em 1492, evento que despertou o interesse da coroa espanhola na ilha. Até o final do século XVI, praticamente toda a população nativa havia morrido por conta de doenças ou nas mãos dos colonizadores, ou sido escravizada. Em 1697, a parte ocidental de Hispaniola foi cedida à França pela Espanha, se tornando no século XVIII a colônia francesa mais próspera na América, graças à exportação de produtos agrícolas e extrativistas, como café, açúcar e cacau.

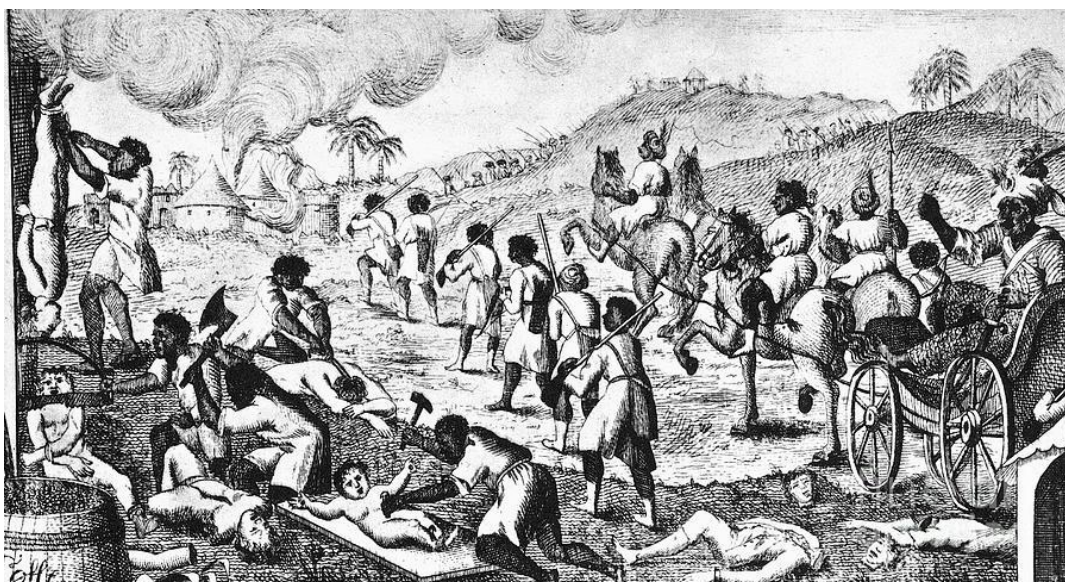
Em 1794, o Haiti tornou-se o primeiro país das Américas a abolir a escravidão, graças a uma revolta de escravos. Neste mesmo ano, a França toma posse da totalidade da ilha de Hispaniola. Em 1801, o ex-escravo Toussaint Louverture tornou-se o governador-geral da ilha, sendo pouco tempo depois deposto e morto pelos franceses. Outro líder haitiano, Jean Jacques Dessalines, organizou o exército e derrotou os franceses em 1803. No ano seguinte, a independência do país é declarada, sendo o segundo país a se tornar independente em toda a América, e Dessalines se declara imperador. Sob sua ordem, soldados haitianos realizam um grande massacre para eliminar a população francesa/franco-haitiana, causando cerca de 5 mil mortes. Como retaliação, escravistas europeus e estadunidenses instauram um bloqueio comercial sob o Haiti no mesmo ano, que duraria por 60 anos.

Figura 2 – Mapa da Ilha de Hispaniola, data desconhecida



FONTE: Anderson Campos (2016)

Figura 3 – Representação artística do Massacre do Haiti, em 1804, por um autor desconhecido.



FONTE: Atlanta Blackstar (2013)

Em 1815 o anticolonialista e líder político Simón Bolívar refugiou-se no Haiti após ser derrotado devido a revezes militares em sua primeira campanha contra os espanhóis. Em 1816 apelou ao presidente haitiano Alexander Sabes Petión, recebendo recursos, armas e soldados,

sob a condição que abolisse a escravidão nas terras que libertasse. Ao obter esta ajuda, regressou à Venezuela para continuar sua luta contra as metrópoles europeias.

Posteriormente, para pôr fim ao bloqueio comercial que sofria o país, o presidente Jean Pierre Boyer, ao ver a ilha de Hispaniola cercada pela frota marítima francesa, concordou em assinar um tratado onde pagaria à França uma quantia de 150 milhões de francos, a título de indenização; esta dívida seria depois reduzida à quantia de 90 milhões de francos. Mesmo com a redução, a economia do país foi exaurida.

Após um período de instabilidade, o Haiti é dividido em dois, e a parte oriental é reocupada pela Espanha – região que viria a se tornar a atual República Dominicana. Em 1822, o presidente Jean-Pierre Boyer reunificou a ilha, sendo derrubado em 1844 por uma nova revolta, que resultou na independência da República Dominicana.

Esta revolta marcaria o início de uma instabilidade política muito severa no Haiti, na qual até o início do século XX, 20 governantes sucederam-se no poder, sendo que 16 destes foram depostos ou assassinados. Em 1915, tropas estadunidenses realizaram uma ocupação no país, de forma a proteger os interesses de sua nação; neste novo regime, o almirante William B. Caperton impôs ao governo haitiano a transferência das administrações civis e militares, as finanças, a alfândega e o banco do Estado para agentes americanos – esta ocupação duraria até meados de 1934.

Após a saída das tropas norte-americanas e um novo período de instabilidade política que resultaria na derrubada de mais duas administrações governamentais, o médico François Duvalier é eleito presidente em 1957, após uma campanha populista contra a elite mulata no comando do país.

Duvalier (ou *Papa Doc*, como era conhecido devido ao tempo que passou no combate às doenças tropicais na população mais carente do país) instaurou ao longo dos anos de seu governo uma ditadura opressora e persecutória, reprimindo a elite mulata do país e exilando seus oponentes políticos. *Papa Doc* utilizava-se dos *tonton-macoutes*, sua guarda presidencial, para realizar terror policial e manter-se no poder. Ao final de seu governo com sua morte em 1971, o Haiti era o país mais pobre da América, e a fome e a miséria assolavam o país.

Figura 4 – François Duvalier, o “*Papa Doc*”

FONTE: Du Fi (1947)

Papa Doc foi sucedido por seu filho, Jean-Claude Duvalier, ou *Baby Doc*, em virtude da alcunha de seu pai. Seu governo eleva ainda mais a desigualdade e a miséria do país, onde os índices de fome e analfabetismo atingem níveis alarmantes. Em 1986, protestos populares fazem com que *Baby Doc* decrete estado de sítio – a situação piora e ele foge com a família para a França, deixando o comando do país com o General Henri Namphy. Eleições são convocadas e é eleito Leslie Maginat, que seria deposto três meses depois e seria substituído pelo chefe da guarda presidencial, General Prosper Avril.

Após este grande período de severa instabilidade política e governamental, em 1990 são convocadas eleições presidenciais livres, que elegeram o padre Jean-Bertrand Aristide. Pouco menos de um ano depois, o General Raul Cedras aplicou um golpe de Estado que depôs Aristide, exilando-o nos Estados Unidos. Isto gerou uma reação internacional de sanções econômicas ao país, encabeçadas pela Organização dos Estados Americanos (OEA), pela

Organização das Nações Unidas (ONU) e pelos Estados Unidos da América, que exigiam o retorno de Aristide ao poder.

Em 1993 um acordo entre o General Cedras e Aristide foi feito, na cidade de Nova York, que acertava a reforma das Forças Armadas haitianas e o retorno de um governo constitucional no país. Em outubro do mesmo ano, grupos paramilitares impedem o desembarque de tropas estadunidenses integrantes de uma Força de Paz da ONU, designados para restaurar certo nível de ordem ao país. As tensões aumentam, e o aumento significativo da quantidade de haitianos que buscam refúgio nos Estados Unidos faz com que o governo norte-americano se torne mais incisivo quanto a volta de Aristide ao poder. Em 1994, a ONU decreta bloqueio total do Haiti, fazendo com que sua economia já muito enfraquecida e precária acabasse por piorar ainda mais.

A junta militar no poder empossou Émile Jonassaint, um simpatizante civil de sua causa, para assumir a presidência até que as eleições marcadas para fevereiro de 1995 ocorressem – ato que o governo norte-americano denuncia como ilegal perante a comunidade internacional. Em julho de 1994, a ONU dá seu aval a uma intervenção militar liderada pelos Estados Unidos, levando Jonassaint a decretar estado de sítio. No mês seguinte, a intervenção militar ocorre, com a entrada de uma força multinacional com a missão de reempossar Aristide. Os militares haitianos no poder renunciam a seus postos e são anistiados; Jonassaint é derrubado e Aristide reassume o governo haitiano, com o país brutalmente empobrecido e caotizado.

A instabilidade política e econômica do país, somada às suspeitas de manipulação pelo partido de Aristide da eleição parlamentar e presidencial em 2000 dificultaram a coerência do governo vigente. Apesar de alguns ganhos democráticos, não foi possível a realização de reformas políticas concretas e necessárias para a recuperação do país. Com crescente tensão entre governo e oposição, em 2003 esta última passa a exigir a renúncia de Aristide. Diversos órgãos e estados influentes da política internacional apresentaram-se como mediadores do conflito, dentre eles Estados Unidos da América, França, Organização dos Estados Americanos, dentre outros. Inflexível, a oposição refutou as propostas, causando um agravamento da crise em curso.

Em fevereiro de 2004, um levante militar tem início em Gonaives, uma das mais populosas cidades do Haiti, e palco de sua independência. Nos dias subsequentes, o levante se espalhou para outras áreas urbanas, até que acabaram por assumir controle do norte do país. Esta oposição armada ameaçava então tomar Porto Príncipe, a capital haitiana, a despeito dos esforços diplomáticos.

Aristide renunciou ao poder e recebeu asilo político na África do Sul. Há controvérsias quanto à sua renúncia, sendo que o mesmo afirma ter sido vítima de um estratagema norte-

americano. O cargo de chefe de estado é assumido interinamente por Bonifácio Alexandre, o presidente da *Cour suprême*, o mais alto órgão judiciário haitiano. De imediato, Bonifácio requisita assistência das Nações Unidas para apoiar uma transição política pacífica e constitucional, além de auxílio para manter a ordem e a segurança interna do país. Num primeiro momento, o Conselho de Segurança da ONU aprova o envio de uma Força Multinacional Interina (MIF) ao Haiti, comandada pelo Brasil, que de imediato iniciou seu desdobramento.

Conjecturando sobre a real gravidade da situação haitiana, e prezando pela paz internacional e pela segurança regional, o Conselho de Segurança, por meio da resolução nº 1542 de 30 de abril de 2004, estabelece a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, ou MINUSTAH (sigla derivada do francês *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation em Haïti*), cujo Force Commander (comandante do componente militar da missão) designado foi o general brasileiro Augusto Heleno Ribeiro Pereira. A MINUSTAH assumiu a autoridade exercida pela MIF em 1º de junho de 2004.

3. A MISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ESTABILIZAÇÃO DO HAITI E SEUS EFEITOS

FIGURA 5 - Soldado brasileiro patrulha o acampamento Jean Marie Vincent em Porto Príncipe, Haiti.



FONTE: AJONU (2018)

3.1 A MISSÃO

A MINUSTAH, desde a sua criação, teve como principal objetivo auxiliar o governo de transição haitiano vigente na época a restaurar a ordem pública e a paz interna do país, assim como atuar ativamente na sua reestruturação, para que o Haiti pudesse ter um futuro mais pacífico, economicamente sustentável e politicamente democrático, com o auxílio à realização de eleições democráticas, de processos constitucionais e governamentais diversos, além de auxiliar órgãos e instituições de direitos humanos para levantar informações sobre situações relativas aos direitos humanos na região, além de auxiliar à sua proteção e promoção.

A missão contava com um contingente de até 6.700 militares, 1.622 policiais civis, 550 civis internacionais, 150 voluntários das Nações Unidas e cerca de 1.000 funcionários civis locais.

O cenário inicial enfrentado pelos *peacekeepers*, ou “capacetes azuis” - tropas de todo o mundo cedidas pelos estados ao comando das Nações Unidas, características pela utilização de capacetes azuis-claros – era bastante precária. O país encontrava-se com suas principais instituições decaídas devido às décadas de instabilidade política e corrupção estatal; a violência tomava conta das ruas, tanto na forma de criminosos ilegais quanto no crime organizado, alguns destes herdeiros dos regimes totalitários de décadas atrás – e a polícia haitiana não possuía nem efetivo e nem preparo para reverter a situação.

Quando as primeiras tropas foram enviadas ao Haiti, o aparato estatal de segurança estava quase falido e a PNH estava em processo de desintegração e elevada politização em torno da figura do ex-Presidente Jean-Bertrand Aristide. Gangues locais e grupos de ex-militares armados controlavam áreas consideráveis das maiores cidades do país e chagavam mesmo a atuar ilegalmente como forças locais de segurança. Em um alarmante contraste, estimava-se que 25 mil pessoas estariam envolvidas com os grupos armados, enquanto a PNH dispunha de um efetivo de apenas 3.500 policiais. Ademais, as instituições políticas não tinham credibilidade e o Estado não tinha presença ou poder efetivo sobre todo o território nacional.

Após cinco anos de atividades, o ambiente no Haiti, em linhas gerais, é considerado por agentes externos como mais seguro e estável que em 2004. Diversas operações foram realizadas pela MINUSTAH em cooperação com a PNH com o objetivo de conter a violência nas grandes cidades: patrulhamento extensivo nas favelas, ações para a detenção de líderes das principais gangues, criação de checkpoints nas entradas e saídas das favelas, ações anti-sequestro e treinamento de novos policiais. No caso específico do Haiti, tais operações contribuíram para restaurar, ainda que parcialmente, a confiança e o respeito da população na Polícia Nacional, minados devido a denúncias de corrupção e aos abusos aos direitos humanos. De entre as ações com resultados mais visíveis, destacam-se aquelas que garantiram a segurança do processo eleitoral em 2006 – ainda que

alguns incidentes tenham sido registrados – e aquelas que, no início de 2007, levaram à ocupação da maior favela de Porto Príncipe, Cité Soleil. (Fernando Cavalcante, 2009)

Lentamente, a situação específica da segurança melhorou, com o auxílio das tropas internacionais tanto nas operações de defesa em si quanto na formação de agentes locais que pudessem atuar nestes problemas. Outros problemas surgiram, como a ineficiência dos métodos da abordagem inicial dos conflitos pelas tropas internacionais, que agiam com atitudes condizentes com um ambiente pós-conflito, sendo o quadro haitiano predominantemente dominado por gangues – a lentidão de resposta da MINUSTAH na revisão destes processos, que apenas instaurou uma comissão para analisar o quesito em 2005, acabou por prejudicar em parte a eficiência das tropas empregadas.

Com o passar dos anos, o mandato da MINUSTAH sofreu diversos ajustes, assim como seu conceito de operações e da força autorizada pelo Conselho de Segurança, de acordo com as adaptações necessárias às situações que se apresentaram ao longo do tempo, com as evoluções políticas, econômicas, sociais e de segurança que se fizeram perceber no teatro de operações.

A missão teve um desenvolvimento satisfatório, graças ao árduo trabalho das autoridades haitianas, das Nações Unidas e da comunidade internacional. A violência, antes sempre presente, foi significativamente reduzida e perdeu sua relação intrínseca com a política haitiana. A segurança pública, por conseguinte, foi em sua maior parte restaurada, com redução sensível da criminalidade e da corrupção. A economia apresentava crescimento significativo, dadas suas condições precárias e levando-se em conta a crise econômica mundial. Com estas mudanças no teatro de operações, o foco da MINUSTAH era lentamente voltado ao *peacemaking*, com maior ênfase na restauração do funcionamento pleno dos órgãos governamentais locais, além da mediação e resolução dos conflitos políticos e sociais presentes no Haiti.

Ao estender o mandato da missão por mais um ano em 13 de outubro de 2009, o Conselho de Segurança adicionou à tarefa da MINUSTAH o apoio ao processo político haitiano, promovendo um diálogo político inclusivo e de reconciliação nacional e a prestar assistência logística e segurança para as eleições previstas para 2010. (AJONU, 2012)

No ano de 2010, porém, um revés sem precedentes atinge o Haiti: um terremoto de magnitude 7,0 e matou mais de 220 mil pessoas mortas, incluindo 96 capacetes azuis, outros milhares de feridos e incapacitados, e 1,5 milhões de desabrigados. Porto Príncipe foi reduzida

a ruínas, e a infraestrutura em estado recente de recuperação foi seriamente abalada. O sismo causou nova instabilidade política, e a MINUSTAH recebeu novamente um foco diferente do inicial: a ajuda humanitária.

Poucas horas depois do terremoto, as operações de socorro de emergência foram lançadas pela Organização das Nações Unidas e um certo número de Estados-Membros. As unidades especializadas civis e militares se comprometeram na busca e salvamento, operações, hospitais de campanha estabelecidos e previsto um apoio imediato aos esforços de ajuda para salvar vidas e restaurar a infra-estrutura. Apesar de suas vastas perdas, a MINUSTAH fez esforços extraordinários para restabelecer a sua capacidade e agiu de forma decisiva para responder às necessidades pós-terremoto dentro de seu mandato e em conformidade com as prioridades de segurança de alívio e recuperação da capacidade do Estado. (AJONU, 2012)

Este evento não só mudou a natureza da MINUSTAH, como aumentou sua duração e o efetivo empregado na missão.

Figura 6 – Quartel General da MINUSTAH após o terremoto



FONTE: AJONU (2012)

Em janeiro de 2010, um terremoto causou a morte de mais de 200 mil pessoas e levou o Conselho de Segurança a renovar a MINUSTAH. Assim, as tropas enviadas a mando da ONU poderiam

auxiliar na reconstrução do país. O almirante Ademir Sobrinho, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, afirmou que:

A partir de 2008, o Haiti estava pacificado. Estávamos prontos pra sair. A ONU já ia encerrar a missão quando houve o terremoto. Aí a missão passou a ter um caráter policial humanitário. Depois, era necessário realizar as eleições. E elas foram adiadas muitas vezes.

A partir dessa catástrofe, a MINUSTAH aumentou o número de soldados e passou a realizar buscas por sobreviventes, remoção de escombros e corpos, além de distribuir alimentos. Obras de infraestrutura – a qual foi abalada pelo tremor – também foram realizadas. (Pâmela Moraes, 2018)

Em 2016, antes mesmo que o país se recuperasse plenamente do sismo, a ilha de Hispaniola é alvo da maior tempestade caribenha em 9 anos – o furacão Matthew. Mil pessoas perdem suas vidas e mais de um milhão são impactadas pelo novo e recente desastre natural. Novamente, a MINUSTAH assume o papel de ajudante humanitária, auxiliando as vítimas da tragédia.

Em 2017, por meio da resolução 2350, o Conselho de Segurança das Nações Unidas encerra a MINUSTAH, estendendo-a pelos últimos seis meses a fim de desmobilizar suas forças de maneira gradual. Com o sucesso de eleições democráticas no ano anterior, que colocam a gestão estatal nas mãos de Jovenel Moise, as Nações Unidas decidem encerrar a missão e instaurar a Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti (MINUJUSTH), sem contingente militar e com maior caráter policial e judiciário, e com o intuito principal de fortalecer as instituições públicas assim como o Estado de Direito no país.

3.2 O LEGADO BRASILEIRO

A MINUSTAH produziu, em seus 13 anos de duração, efeitos extremamente positivos no Haiti em diversos aspectos. Nos campos de segurança e infraestrutura, por exemplo, as melhoras são inegáveis e palpáveis: a diminuição da violência em geral, com grande melhora da segurança pública, a realização de eleições democráticas, a construção de diversas estruturas, são provas concretas do apoio bem-sucedido da missão ao país. Além disso, é inegável a

importância dos auxílios humanitários e de direitos humanos realizados na duração da missão, principalmente durante seu início e após os desastres naturais ocorridos no período.

Desde a chegada da MINUSTAH ao Haiti até seu término em outubro de 2017, o país realizou três eleições presidenciais democráticas e contou com o apoio da missão para superar a fase crítica de emergência humanitária pós-terremoto de 2010 e pós-furacão de 2016. Do ponto de vista da segurança, a missão foi bem-sucedida em conter a ação de grupos criminosos que antes atuavam na capital, Porto Príncipe. Além de contribuir militarmente para a MINUSTAH, o Brasil intensificou a cooperação técnica e humanitária com o Haiti, com vistas ao desenvolvimento do país. A companhia de engenharia militar brasileira empreendeu projetos de impacto rápido, os quais incluíram a perfuração de poços artesianos, construção de pontes e açudes, contenção de encostas, construção e reparação de estradas – além de ter atuado em missões de defesa civil, sobretudo após o terremoto de 2010 e o furacão de 2016. (Itamaraty, 2018)

Como já detalhado anteriormente, a posição do Brasil neste processo é de destaque e protagonismo: a missão, durante seus 13 anos de duração, foi comandada por militares brasileiros; a conduta dos agentes brasileiros na área de operações sempre se manteve ilibada, não havendo nenhuma denúncia concreta de qualquer tipo de excesso, abuso ou violação dos direitos humanos por militares brasileiros – frutos de um preparo e treinamento eficiente não só nas esferas operacionais e táticas de sua tropa, mas também nas esferas moral e ética.

O Exército brasileiro, por sua vez, informa que todas as tropas brasileiras que integraram contingentes militares na MINUSTAH receberam um treinamento rigoroso com base em módulos definidos pela própria ONU, "incluindo temas como o respeito aos direitos humanos, igualdade de gêneros e a prevenção da exploração e abuso sexual". A força ainda endossa que até o presente momento "não recebeu oficialmente nenhuma denúncia de abuso sexual ou violência cometida por parte de militares brasileiros que integraram a Missão de Estabilização das Nações Unidas, portanto não há nenhuma investigação, nem processo judicial em andamento, envolvendo integrantes da Instituição". (Ana Luisa Vieira, 2017)

Além do envio de forças militares e do comando da missão, o Brasil contribuiu com extensos recursos para a reestruturação do país-sede e auxiliou, como já anteriormente detalhado, para o reestabelecimento de uma democracia concreta no Haiti. Isto evidencia a grande preocupação brasileira não somente por suprimir os conflitos armados e as ameaças à segurança pública, mas também em contribuir com a reorganização das instituições públicas e com o desenvolvimento em geral do país-sede.

Devido ao perfil acolhedor e cordial do soldado brasileiro, a relação da tropa com os locais tinha características diferenciadas. A atitude destes militares os aproximava da população local e gerava um ambiente amistoso e amigável, gerando intercâmbios culturais importantes, como detalha o Dr. Vinícius Mariano de Carvalho:

Em um sábado, um grupo de militares da Companhia de Engenharia brasileira (BRAENGCOY) dirigiu-se a um orfanato de Porto Príncipe levando uma sopa bem nutrida, para compartilhar com as crianças lá residentes. Poderia ser apenas um ato simples de solidariedade. Chegar, deixar a sopa, retornar para a base. Afinal, era um dia livre para aqueles militares que voluntariamente se propuseram a participar desta atividade. Chamou-me a atenção que um cabo embarcou na viatura com seu violão em punho. (...) Ao chegar ao orfanato, enquanto parte dos militares preparava a distribuição da sopa, nosso cabo reunia-se com as crianças em uma sala e, com seu violão, cantava e brincava com elas. Cantava canções em português, incluía algumas palavras em créole haitiano, cantava algumas canções completas nesta língua que, desconfio, ele não dominava completamente. A cena era memorável. Em poucos minutos, estávamos também eu e meus outros colegas pesquisadores, cantando e brincando com as crianças, que já arriscavam algumas palavras em português, tanto como nós em créole. Nesta mesma viagem, acompanhando uma ação cívico-social (ACISO) em Cité Soleil, a música outra vez estava presente. De um lado, alguns soldados já formavam um grupo de pagode e, com cavaquinho, violão, atabaque, pandeiro e tamborim, cantavam com crianças e adultos os mais recentes sucessos de grupos de pagode famosos do Brasil. Ao cair da tarde, uma grande roda de capoeira se formou no centro da praça em frente à base brasileira da MINUSTAH naquele bairro e, por horas, as ladainhas e refrões da

capoeira ecoaram com os berimbaus e atabaques, envolvendo haitianos e brasileiros. Finalmente, ecoou no sistema de som montado para a ocasião o Ohrwurm de Michel Teló, Ai se eu te pego, e o coro era uníssono entre haitianos e soldados do contingente brasileiro. (...) Nestes 13 anos de missão com 26 contingentes, soldados de todo o Brasil tiveram a oportunidade de passar seis meses no Haiti, sendo que a maioria das regiões do país lá estiveram mais que uma vez. Nesta transposição também cultural, levaram consigo suas práticas musicais locais e principalmente, levaram as músicas que estavam fazendo sucesso no Brasil. Atuaram como verdadeiros embaixadores musicais do país. (Vinicius Mariano de Carvalho, 2017)

Esta postura descontraída aproxima o soldado brasileiro do civil haitiano, como um verdadeiro e efetivo ato de diplomacia cultural, sem pretensões impositivas, que torna mais fácil o estabelecimento do diálogo e demonstra que estruturas de pacificação podem ser estabelecidas e concretizadas de forma eficiente. Além disso, denota-se a influência cultural e social brasileira sobre a população haitiana, que recebeu de maneira enfática os costumes (principalmente musicais) brasileiros.

4 CONCLUSÃO

O Brasil busca, desde o envio da Força Expedicionária Brasileira à Itália durante a Segunda Guerra Mundial, contribuir para a segurança mundial, a paz internacional e a prevalência da justiça e da democracia no globo. Sua posição de importância na MINUSTAH e seu desempenho superior são o resultado de décadas de trabalho e empenho buscando auxiliar nestes objetivos.

O Haiti, historicamente, demonstrou-se um país assolado pela violência política e pela corrupção, com grande instabilidade política e a incapacidade de estabelecer e implementar uma liderança democrática justa e efetiva, além de uma economia dilacerada por esta corrupção e por anos de sanções econômicas internacionais devido às violações de direitos humanos e posturas violentas de seus líderes, somando-se a este fator também seu dispendioso processo de independência. A intervenção pacificadora da ONU contribuiu de forma sensível e necessária à recuperação do país, de suas instituições e de seu Estado de direito, contribuição esta que se tornou ainda mais evidente devido aos dois desastres naturais ocorridos durante os 13 anos de missões, que somou o caráter humanitário aos trabalhos da MINUSTAH.

Como protagonista nesta importante missão, o Brasil demonstrou grande preocupação com a recuperação e o desenvolvimento do Haiti, empregando uma postura verdadeiramente “civilizatória” em sua empreitada por reconstruir e implementar instituições públicas e governamentais eficientes, uma democracia justa e legítima e reestabelecer a ordem e a segurança.

Neste contexto, o soldado brasileiro atuou de forma impecável, bem-preparado nos âmbitos operacional e tático, eficiente em cumprir suas missões sem excessos. A ausência de denúncias concretas de abusos ou violações dos direitos humanos denotam neste agente da paz um arcabouço sólido de valores morais, contribuindo para o bom cumprimento de suas missões.

Esta presença brasileira também gerou impactos significativos na cultura haitiana, onde o soldado brasileiro leva sua música, seu idioma e sua cultura consigo para o cumprimento de suas missões, integrando um processo de verdadeira diplomacia cultural capaz de aproximá-lo da população haitiana de forma eficaz e pacífica. É muito cedo para definir de forma empírica e real a abrangência desta influência social, mas os registros destas interações provam que o escambo cultural é grande: o brasileiro, que em suas canções militares e em seu dialeto da caserna do dia-a-dia incorporando o *creole* haitiano, de maneira cômica e bem-humorada, enquanto crianças haitianas se divertem ao som do pagode e do samba brasileiro, e logo arriscam algumas palavras no português brasileiro.

Podemos constatar desta forma que o impacto do Exército Brasileiro durante as missões de pacificação na MINUSTAH sobre a sociedade haitiana foi inteiramente positivo, trazendo benefícios nos quesitos segurança, política, economia, cultura e sociedade ao Haiti.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **O Método de Levantamento Geográfico de Área**. . Resende, 2016.

AJONU. **Conheça mais sobre a: United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH)**. Disponível em: <<https://ajonu.org/tag/minustah/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

CAVALCANTE, Fernando. **Sucesso ou fracasso? Uma avaliação dos resultados da MINUSTAH**. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/eces/342/>> Acesso em: 3 jun. 2019.

CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS. **ONU encerra missão no Haiti comandada pelo Brasil**. Disponível em: <<https://cebi.org.br/direitos-humanos/onu-encerra-missao-no-haiti/>> Acesso em 3 jun. 2019.

CENTRO CONJUNTO DE OPERAÇÕES DE PAZ DO BRASIL; INSTITUTO IGARAPÉ. **A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões**. Rio de Janeiro, 2017.

CHARLEAUX, João Paulo. **Qual o balanço da missão de paz brasileira no Haiti**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/04/25/Qual-o-balan%C3%A7o-da-miss%C3%A3o-de-paz-brasileira-no-Haiti>>. Acesso em: 25 out. 2017.

DORMINO, Marco. **Soldados brasileiros são acusados de abusos sexuais no Haiti, diz agência de notícias**. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,soldados-brasileiros-sao-acusados-de-abusos-sexuais-no-haiti-diz-agencia-de-noticias,70001741751>>. Acesso em: 25 out. 2017.

GONÇALVES, Israel Aparecido. **A academia em luta: o debate na literatura sobre a participação do Brasil na MINUSTAH**. São Paulo, 2011.

GOVERNO DO BRASIL. **Brasil participa de missões de paz desde 1947**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2012/04/brasil-participa-de-missoes-de-paz-desde-1947/>> Acesso em: 28 mai. 2019.

ITAMARATY. **Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/142-minustah/>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

LUCENA, Laryssa Lyryanne M. de. **O Brasil e a MINUSTAH – ou a busca de novos parâmetros para uma política externa brasileira “altiva” e “ativa” em operações de paz das Nações Unidas**. Porto Alegre, 2014.

MORAIS, Pâmela. **MINUSTAH: O Brasil na missão de paz no Haiti**. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/minustah-missao-de-paz-no-haiti/>> Acesso em: 1 jun. 2019.

PRESSE, France. **Haiti contabiliza mais de 3700 mortes com surto de cólera**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/01/mortos-pela-colera-no-haiti-somam-mais-de-3700.html/>> Acesso em: 25 mai. 2019.

REUTERS, Andres Martinez Casares. **Especialista sobre missão no Haiti: 'são 13 anos de dor, de sofrimento, de ocupação'**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/s/br.sputniknews.com/amp/americas/201704188183963-missao-onu-haiti-ocupacao/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

RODRIGUES, Anselmo de O; MIGON, Eduardo X. F. Glaser. **O papel do Brasil na evolução das Operações de Paz (Brazilian contribution in the peace operations' Evolution)**. Belo Horizonte, 2017.

VERENHITACH, Gabriela Daou. **A MINUSTAH e a política externa brasileira: motivações e consequências**. Santa Maria, 2008.

WIKIPÉDIA. **Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Miss%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_para_a_estabiliza%C3%A7%C3%A3o_no_Haiti/>. Acesso em: 20 mai. 2019.